

A CRÍTICA ÉTICO-EPISTEMOLÓGICA DA PSICOLOGIA SOCIAL PELA QUESTÃO DO SUJEITO

Bader Burihan Sawaia

Se a miséria de nossos pobres não é causada pelas leis da natureza, grande é nossa culpa.
Darwin

Que é o Deus-Natureza de Espinosa senão nós mesmos quando descobrimos a
força para pensar e agir livremente companhia dos outros?
Chauí¹

RESUMO: Defende-se a necessidade de a psicologia social realizar, neste momento histórico, a autocrítica epistemológica para refletir sobre a dimensão ética do seu corpo de conhecimentos, e propõe-se o sujeito como eixo dessa reflexão. Que sujeito está presente nas teorias de Psicologia Social e quais projetos éticos ele sinaliza? A psicologia social debatê-se, de um lado com o sujeito consciente (da competência lingüística ou da ação, intra ou intersubjetividade), e de outro, com o sujeito inconsciente (por determinações externas ou internas) ou, ainda, com o sujeito-espaço vazio, em que se cruzam fluxos lingüísticos. Esse debate é atravessado por uma das questões centrais da Psicologia Social - a relação entre sujeito coletivo e sujeito individual. Não se pretende analisar cada uma dessas concepções, mas sugerir como idéia reguladora da análise, o pensamento crítico-constitutivo de Espinosa, que resgata a unicidade na multiplicidade e a passagem da fisicidade à eticidade no ser, como potência e ética de constituição.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito, ética, coletivo/individual, ontologia e crítica epistemológica, práxis.

A PSICOLOGIA SOCIAL É DEMOCRÁTICA? QUAL O PAPEL POLÍTICO DO CONHECIMENTO QUE ELA PRODUZ?

Essa é a questão orientadora da reflexão epistemológica que se pretende realizar, por se entender que ela explicita a dimensão ética do

SAWAIA, B. B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

conhecimento, unindo o que foi cindido na história do pensamento científico: "o que é" e o "que vale a pena".

Junto-me, neste texto, aos que defendem a necessidade de investir a epistemologia em uma estratégia de reconstrução ética do mundo². "Epistemologia sem a ética, ao invés de perguntar como devemos viver, insiste em investigar como a linguagem nos permite formular tais questões" (Botton)³.

Com a crise do paradigma científico dominante e as dúvidas sobre o seu pressuposto básico da neutralidade do conhecimento científico, "tornou-se nossa responsabilidade escolher o tipo de conhecimento que queremos produzir. Conhecimento de tipo autoritário, alienante, normatizador, que oprime as pessoas, ou pelo contrário, conhecimento libertário, que contribua com seu grão, de areia à luta contra a dominação", como afirma, contundentemente, Ibáñez⁴.

O final do séc. XX caracteriza-se pela desilusão em relação à epistemologia. A lista de promessas que a racionalidade científica fez, como a conquista da natureza, da justiça e da liberdade do homem, não foram cumpridas, a despeito dos seus méritos inegáveis; especialmente os referentes aos avanços tecnológicos.

Assiste-se, hoje, à busca febril da reorganização do pensamento e do reencantamento do mundo, por parte tanto do senso comum quanto da ciência.

Cada um, a seu modo, recorre à subjetividade, à individualidade, à intimidade e à emoção como categorias explicativas do mundo e base da felicidade e da liberdade, reproduzindo a atual constelação ideológico-cultural hegemônica, (Zeitgeist), a qual, inclusive, defende um projeto ético-libertário, assentado na figura do sujeito, na versão moderna da emancipação e da autonomia sob o imperativo do gozo, do sucesso e da eterna juventude, em detrimento do coletivo⁵. As ciências humanas recorrem a essas categorias para contraporem-se à razão generalista e massificante das grandes narrativas e do pensamento único. O senso comum enaltece-as como estratégia de luta contra o sofrimento gerado pela exclusão, pela exploração e pelo conformismo, como demonstra o sucesso incrível da literatura de auto-ajuda (best seller), das religiões neo-protestantes, do movimento de renovação carismática católica e das chamadas práticas alternativas, míticas ou não. Na política, elas aparecem como figuras centrais da retórica legitimadora de ações, tanto situacionistas quanto de oposição. Multiplicam-se os argumentos de que a intimidade e a subjetividade são indicadores das questões sociais e, conseqüentemente, lugares de exercício da cidadania, enquanto desapa-

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

recem os referentes às preocupações cívicas e políticas. Cidadania torna-se sinônimo de alto astral e de otimismo, qualidades daqueles que não se deixam abater pelas adversidades.

A psicologia se vê pressionada a enfrentar tais questões. De um lado, para refletir criticamente sobre essas novas e poderosas formas de orientação do "bem viver", oferecendo subsídios para entender-se o sucesso de idéias e práticas que oferecem alívio instantâneo e que vivem de despertar a emoção imediata das pessoas, por meio, muitas vezes, de expressão corporal, sem necessidade de sacrifício ou qualquer atitude reflexiva e relacional. De outro, é requisitada pelas demais ciências a criar novas condições de pensar o homem no mundo, transformando as figuras centrais do pensamento do final do século, subjetividade, emoção, individualidade e intimidade, em forças libertadoras.

Estamos sendo desafiados a criar zonas emancipadoras de sentido do real, capazes de abalar profundamente a compreensão da relação homem/sociedade e objetividade/subjetividade, como fez Marx com a categoria de alienação e Freud com a de inconsciente. Essas duas grandes teorias, que corporificaram as utopias do início do séc. XX de libertação do homem da escassez, da exploração, do sofrimento mental e do conformismo, fizeram ciência, atravessada pela filosofia, não se atendo à descrição do factual, nem perdendo-se em abstrações ou solipsismo. Elas trataram, de forma global, os pressupostos epistemológicos, éticos e metodológicos, evidenciando a interdependência das mesmas. Suas categorias não são sociológicas nem psicológicas, mas idéias reguladoras de pensamentos e práxis, científicos ou não, preocupados com a liberdade.

Nós, psicólogos sociais, estamos trabalhando, assim, em nossas pesquisas? fazendo ciência filosófica? Qual a ética que nossos pressupostos referendam? Também precisamos saber como estão sendo utilizados os conhecimentos produzidos, e aqui incluem-se os já consagrados, como os de Marx e Freud, pois com o passar dos tempos, um conhecimento revolucionário torna-se aprisionante. Eles continuam gerando práticas democráticas ou excludentes, libertárias ou normatizadoras, fetichizadoras ou humanizadoras⁶?

Um ponto de partida frutífero ao exercício da crítica epistemológica, que é ao mesmo tempo ética e ontológica, é a indagação sobre o sujeito presente nas nossas pesquisas, teorias e práticas, pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, porque a crítica epistemológica só se completa pela reflexão sobre o sujeito da ética. Toda indagação sobre epistemologia

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

é uma indagação sobre sujeito e toda indagação sobre ética, também o é. Por trás da concepção de como se conhece e qual o conhecimento verdadeiro está uma concepção ontológica, que também é ética. A ética está inscrita na imagem do sujeito e a imagem de ambos conduz a uma imagem de ciência e de conhecimento.

Segundo, por considerar que a questão do sujeito constitui o paradoxo central da Psicologia Social. Na divisão dos campos de conhecimento e de ação das ciências, coube à Psicologia dois objetos, o sujeito e a subjetividade, os quais ela negou por influência da epistemologia positivista, reduzindo-os a objeto e objetividade, e, com isso, alienando a ética da epistemologia e o sujeito da liberdade. A Psicologia, uma ciência criada para dar conta do homem singular, em nome da ciência, expulsou o sujeito, substituindo-o por estímulo resposta, determinação, natureza humana, aparato cognitivo. Subjetividade passou a ser da ordem do erro, da imprecisão e do desencontro⁷.

A luta contra este paradoxo sempre marcou a história da Psicologia Social, mas torna-se mais necessária, hoje, impulsionada pela força do retorno da idéia de sujeito na epistemologia científica, bem como nas utopias e nos projetos sociais. Este retorno constitui o terceiro argumento em favor à eleição do sujeito para iniciar a crítica ética/epistemológica da Psicologia Social.

Sem dúvida, o projeto libertário da modernidade contemporânea está assentado no sujeito autônomo e sua economia está apoiada no princípio do desejo individual de ser feliz (Melucci⁸); porém, a ênfase no sujeito precisa ser analisada na ambigüidade que a constitui: representar a hipertrofia alienadora do sujeito, ao mesmo tempo que sua libertação das amarras deterministas e mecanicistas.

De um lado, valoriza-se o sujeito, mas para instrumentalizá-lo e aprisioná-lo ao individualismo e narcisismo consumista, base de sustentação do projeto neoliberal. Como afirma Melucci⁹, "o momento histórico precisa do sujeito autônomo com recursos de decisão rápida para acompanhar o avanço tecnológico". Trata-se do sujeito individual, volátil, limitado em suas ações, fechado em si, embora com discurso participativo, em substituição à desintegração do sujeito coletivo e dos espaços públicos¹⁰.

De outro lado, a ênfase no sujeito, é aclamada como revolucionária, política e epistemologicamente, como defende Tourraine: "o retorno do sujeito marca (...) o declínio de todos os princípios unificadores da vida social, pondo fim ao orgulho de uma razão que julgava necessário destruir sentimentos, crenças e subjetividade para atingir o progresso"¹¹. Ele alerta que "o sujeito que volta pelas mãos da epistemologia e

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

ontologia crítica não é o mesmo do Iluminismo: racional¹², mônada perfeita que conhece e age sobre o mundo ..

A qualidade emancipadora da idéia de sujeito traduz-se: 1) enquanto epistemologia, na recusa ao fechamento de horizontes de expectativas e de possibilidades, unindo ação e pensamento e sujeito e objeto; 2) enquanto psicologia, na recusa à subjetividade do conformismo, da determinação e na criação da vontade de lutar; e 3) enquanto ação política, na união entre o individual e o coletivo e entre o público e o privado.

Frente à ambigüidade que marca o retomo do sujeito, o que fazer para usufruir da perspectiva libertária e crítica embutida nessa volta, sem cair no perigo de hipostasiá-lo, mantendo-o recluso na própria singularidade e impedindo os homens de se conhecerem e agirem coletivamente, por não perceberem' as mesmas coisas ou nada, além de si mesmos? Em outras palavras, como, apropriar-se da idéia de vida justa, humanidade e busca de dignidade que a idéia de sujeito contém, sem enaltecer o individualismo e o intimismo, implodindo o sujeito coletivo e transferindo as contradições da esfera pública à privada?

Como já foi dito, esse dilema vem catalisando cada vez mais a atenção da Psicologia Social, tanto que as discussões epistemológicas se multiplicaram, nos últimos anos¹³, promovendo importantes reflexões sobre o sujeito e sobre como ele conhece. Essas reflexões podem ser sintetizadas, a despeito do risco de simplificação, da seguinte forma: de um lado, o debate entre sujeito consciente, inconsciente e sujeito! espaço vazio, produto do cruzamento de fluxos lingüísticas; de outro, as discussões internas a cada uma dessas concepções, como por exemplo, as que indagam se o sujeito consciente é o da competência lingüística ou o da atividade, mônada ou intersubjetividade; se o sujeito inconsciente o é por determinações externas ou internas e se o sujeito da competência lingüística é semiótico, transcendente ou construído. Outro debate que perpassa os anteriores, se refere à condição ética e ontológica do sujeito: ele é alienado de sua liberdade, assujeitado por algo ou imanência psíquica, abstraído da sociedade; o primado é do sujeito ou das estruturas mentais, biológicas ou sociais; ele é criador e negociador de sentido ou construído pela narrativa? O sujeito é unidade racional, transparente, significado homogêneo, núcleo fornecedor de sentido ou é pluralidade, descentralizado, em construção, instável e dinâmico, feito de várias posições, sem mil núcleo fundante? Finalmente, o debate que compete, especificamente à Psicologia Social: o sujeito é coletivo ou individual, particular ou universal? Essa, além de ser a questão central da psicologia social, é a que carrega de forma explícita a questão ética.

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

Pensar a relação coletivo/individual é entrar na discussão clássica entre Hobbes e Hume¹⁴, se os homens são movidos por ganho pessoal, egoísmo ou simpatia. É também questionar se os comportamentos particular e ético são opostos e antagônicos (reino da ética X reino das necessidades).

Não pretendo analisar cada uma dessas proposições sobre sujeito, mas apresentar idéias que sirvam de inspiração para abrir caminhos a novas teorias psicossociais, capazes de superar concepções retalhadoras e fetichizadoras do sujeito e da subjetividade.

A crítica por si só, e desprovida de um quadro de referência positivo, é extremamente abstrata e longínqua das realidades sociais palpáveis. Quando se quer-se transformar antigas proposições e categorias fundamentais é necessário que tal empreendimento se dê dentro de um quadro de referência de uma filosofia cuja estrutura permita que se escape dos erros analíticos cometidos. Por isso, escolhi o pensamento críticoconstitutivo de Espinosa, que resgata a unicidade na multiplicidade e a passagem da fisicidade à eticidade no ser como potência e ética de constituição, escapando, tanto de solipsismos, quanto de determinismos.

EPISTEMOLOGIA E O DESEJO DE SER FELIZ

Espinosa (1632-1677) é um filósofo que jamais abandonou a luta contra todas as formas de alienação e de servidão visíveis e invisíveis e trabalhou na fronteira entre as cisões rígidas, promovidas pela ciência, entre mente/corpo, singular/universal, egoísmo/solidariedade. Ele é um racionalista que analisa a ética como emoção, é um individualista que pensa a ética pela alteridade, é um filósofo da imanência, que privilegia o particular em constituição e é um materialista que permite entender como a "ordem dos significados está incluída na ordem da vida"¹⁵

Espinosa fala de ética, combatendo as utopias e as perspectivas essencialistas, porque funda ontologicamente a liberdade e desvenda as formas práticas concretas de sua realização por parte do sujeito. Para ele, ética não é utopia de salvação por imersão no universal, mas é pluralidade infinita das forças produtivas singulares, indomináveis (potência de ser), que se irradia em expressões singulares necessárias e livres¹⁶.

Dessa forma, sua ética é ontológica e é histórica, refere-se ao movimento de constituição do homem como potência de liberação, que age no interior de limites (a potência da natureza e de outros homens limitam a nossa, embora considere que o mundo não é natureza). Também, é epistemologia, porque é idéia correta às afecções do corpo e, por ser

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

afecção do corpo, é emoção, desejo e relação. Essa imbricação entre ética, epistemologia e ontologia é melhor entendida nas reflexões espinosanas sobre corpo e alma e imaginação.

Corpo e alma são da mesma substância; as idéias da alma são afecções do corpo, que se constituem em mente. As afecções dizem respeito à potência e ao conatus, ambos conceitos centrais na explicação do sujeito. Conatus representa a, força que constitui o desejo e está presente em todas as coisas. É o impulso vital, esforço de resistência, de apropriação e afirmação, que leva as coisas a perseverarem no próprio ser.¹⁷ É polivalente, assumindo diferentes formas, como vontade quando na mente; como apetite, no corpo e desejo, quando consciente.

Imaginação¹⁸ é fisicidade que acede à inteligência e passa pelas mãos, constituindo-se em fontes de paixões, bem como de idéias adequadas e ações¹⁹.

O indivíduo em Espinosa é um grau de potência, ao qual corresponde um certo poder de ser afetado(...) e esse poder de ser afetado é necessariamente precedido pelas afecções do corpo nos encontros (Deleuze²⁰).

Como indivíduo singular, constitui-se pelas afecções, produto do apetite e desejo no interior da natureza, é potência de existir e agir enquanto ser singular concreto existente, que sofre as pressões de causas externas, mas também se constitui como causa interna de apropriação da natureza e da instauração da sociabilidade e da política. Ressalta-se, aqui, a concepção de sujeito como modo finito da infinitude do ser ou substância, como espontaneidade absoluta de auto produção. Uma força produtiva que não se sujeita a nada a não ser a si mesmo.

Essas afirmações levaram Botton²¹ a situar Espinosa no egoísmo filosófico, junto com Smith, Hobbes e Freud, argumentando que, segundo ele, os homens tendem naturalmente a pensar, apenas, em si mesmos, sendo conduzidos, em seus desejos e opiniões sobre o que é benéfico, por suas paixões, as quais jamais levam em conta o futuro ou as outras pessoas.

Negri²² rebate tal afirmação, destacando que Espinosa afirma que a dignidade consiste na utopia ser materialmente composta no desejo subjetivo e não essencialista ou construída fora dele. A própria utopia está contida no ser e não no egoísmo do ser.

Concordando com Negri, Ferreira²³ afirma ser possível extrair da obra de Espinosa uma teoria do sujeito como uma teoria da composição - da produção entre fisicidade e eticidade, entre potência infinita do ser e a potência contextualizada dos seres finitos, e aberto ao futuro. O presente alienado é neutralizado, tornando-se um presente reanimado pela produção que promove o porvir²⁴,

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

o ser se produz (produto da acumulação física dos movimentos) e é constituído, ao mesmo tempo em que é o princípio da produção e da constituição. Essa forma produtiva do ser salienta a possibilidade de que o mundo seja transformado segundo o desejo.

O desejo ocupa lugar central na teoria espinosana de sujeito e de política, mas é preciso considerar que esse desejo, apesar de ser produzido no plano do sujeito, é determinado material e relacionalmente. Portanto, embora Espinosa tenha colocado o desejo, produzido no plano do indivíduo pela necessidade de auto preservação, como força política, esse desejo implica no outro e é propriedade, apenas, de seres com capacidade reflexiva⁵

Segundo Espinosa²⁶, o objetivo de cada indivíduo é rentabilizar maximamente a sua potência, mas, também salienta, que o indivíduo só o consegue quando se une a outros, alargando, portanto, o seu campo de atuação(ou seja, seus direitos). A "entre-ajuda" é essencial para uma vida conseguida, porque a vontade comum a todos é mais poderosa do que o conatus individual.

Os argumentos contra a caracterização de Espinosa como filósofo do egoísmo são melhores compreendidos na distinção que ele faz entre potência e poder. Suas reflexões sobre a passagem de um ao outro são ensinamentos excepcionais à Psicologia Social.

O poder é contingência, é forma subordinada e transitória diante da produtividade humana, é afecção na forma de paixão que provém do exterior e afeta a alma como idéia falsa. A potência opõe-se a ele²⁷, pois é o processo do ser, a afirmação cada vez mais complexa da capacidade de ser afetado de forma a manter a própria substância. Por ser afecção que deriva da essência do ser, é construção da necessidade do ser, que escava a base do poder para demoli-lo.

Há duas espécies de afecções: as paixões que se explicam pela natureza do indivíduo afetado e derivam de sua essência e as paixões que se explicam por outra coisa e provém do exterior, de contingências.

Chauí²⁸, em livro recente, defende que Espinosa promove uma subversão filosófica ao expor a ontologia do necessário. Esta demole o núcleo do pensamento ocidental judaico-cristão baseado na ontologia do possível. O oposto de liberdade não é a necessidade, mas a contingência (em que existe a servidão). O agir necessário é movido pelo intelecto onisciente, segundo as leis da essência e da potência do ser. O agir contingencial, do livre arbítrio, é aparentemente movido pela vontade onipotente, sendo, na verdade, escolha entre possíveis colocados pelo exterior.

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

Quando encontramos um corpo que convém com nossa natureza e cuja relação se compõe com a nossa, dizemos que essa potência se adere a nossa paixão e essa paixão que nos afeta é então de alegria, na medida em que é condição natural do homem passar da condição de escravo a modo livre²⁹. O contrário é medo e superstição, é potência de padecer que vem de fora, sustentando o poder de alguns, na forma de tirania e escravidão.

Em síntese, potência é afecção nos bons encontros, nos quais se dá e recebe estima, e O poder constitui-se nos maus encontros, como vontade de potência sobre a alma dos outros e como padecimento da escravidão.

Essas reflexões promovem insights iluminantes à compreensão de uma das questões centrais da psicologia social: a falsa cisão coletivo/ individual.

SUJEITO COLETIVO X SUJEITO INDIVIDUAL - UMA FALSA QUESTÃO

Para a compreensão dos argumentos que serão, aqui desenvolvidos, é importante recordar a concepção, latente no presente texto, da relação entre filosofia e ciência. A primeira oferece hipóteses com vocação explicativa ou idéias reguladoras. A segunda, conceitos elaborados a partir de pesquisas sobre realidades históricas contextualizadas.

Na ontologia espinosana, individual e coletivo são figuras transsubstancializadas. Tanto no indivíduo quanto no coletivo, atua um mesmo desejo de afirmação e de expansão do ser. O sujeito não é coletivo ou individual, mas potência, força produtiva de ser afetado que se torna inteligível, como ser intrinsecamente histórico, cuja qualidade depende das afecções do corpo, nos bons e maus encontros. Portanto, enquanto hipótese filosófica, sujeito é indivisível, tomando impossível traçar uma linha divisória entre interesse pessoal e interesse alheio; uma vez que a paixão pela expansão do ser permite encarar os dois de forma fundida, como uma coisa só. Essa hipótese orienta a Psicologia Social a olhar o indivíduo físico, psíquico ou social trabalhado pelas mesmas tensões, doenças e desejos do corpo político e o coletivo como dimensão fundamental do sujeito individual, lutando apaixonadamente por se realizar, o que só é possível dentro das condições históricas específicas.

Sujeito é hipótese filosófica, com vocação explicativa. Coletivo e individual são realidades históricas. Por isso, a Psicologia Social, ao olhar a realidade, verá cisões e diferenças.

O sujeito concretiza-se, no cotidiano, enquanto sujeito sócio-históricamente determinado e palpável³⁰), como experiência

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

intersubjetiva de um homem datado, imerso em um trabalho, em uma sociedade de tipo econômico e político específico, aparecendo nas figuras de nós-coletivo ou eu individual, cuja qualidade depende das afecções propiciadas por aquilo que ao mesmo tempo é constituído por eles.

Espinosa tinha consciência de que nem sempre há harmonia entre potência individual e coletiva, mas muitas vezes "cedência do indivíduo à coletividade"³¹ (afinal ele escreveu uma metafísica para resolver problemas práticos). O interesse individual coincide com o coletivo na medida em que, em ambos, atua o mesmo desejo de afirmação, expansão e manutenção do ser e não potência de poder sobre a alma do outro.

À luz dessa concepção, preceitos morais como o "jamais serei feliz enquanto a humanidade não o for" deixam de ser moralidades impostas do exterior para serem afecção do corpo e da alma e ao depender do contexto histórico, transformam-se, legitimados socialmente, em "ninguém pode ser feliz enquanto eu não o for", ou ainda, em "basta eu ser feliz para toda a humanidade o ser".

As ciências humanas já acumularam um conjunto de pesquisas sobre as formas de concretização dos sujeitos nas figuras coletivas e individuais. Essas pesquisas demonstram que o nós-coletivo se concretiza, diferentemente, ao longo da história, pela confluência das determinações de classe, gênero, idade, raça, configurando-se ora como multidão³² ou gangues, ora como movimentos sociais, classe, grupos e associações. Esses agrupamentos são geralmente desencadeadas por questões de identidade, com maior ou menor consciência crítica por parte de seus membros, mas, sempre, em relação à alteridade.

A condição do sujeito não se realiza sem o outro (hipótese filosófica). O que muda, historicamente, é a qualidade da relação. O outro se concretiza como igual ou diferente, companheiro ou inimigo, enfim, sob duas formas gerais: contra o outro ou junto com outro, como encontro ou confronto. O nós pode ser fratricida e ditatorial ou um nós comunidade e "feliz-cidade"³³.

Em síntese, o coletivo e o individual são figuras instáveis³⁴, contingentes e não imanências perpétuas, pois são constituídos historicamente nas relações entre corpos e devem ser compreendidos por meio de pesquisas.

Na modernidade contemporânea, predominam as versões individualistas do sujeito, mesmo quando se trata de agregado de pessoas, e os valores referentes ao coletivo são menosprezados. O tipo ideal, conforme expressão weberiana³⁵, é o sujeito narcisista, intimista, com uma subjetividade que não se compromete, volátil, encerrado dentro de um

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

templo, que é, apenas, a expressão emocional, sentimental, superficial, epidérmica de um momento. Vida feliz é identificada com o retorno à natureza, capacidade de consumo e obsessão pelo corpo jovem, saudável e belo. Democracia é entendida como expressão espontânea dos sentimentos. Seus temas preferidos são misticismo, ecologia, e o "up to date" tecnológico. Essas mesmas qualidades compõem a maioria dos coletivos dessa sociedade. Não poderia ser diferente, pois, conforme a hipótese filosófica de Espinosa, o coletivo e o individual possuem a mesma substância.

O coletivo para ser sujeito - potência coletiva - precisa ter potência para manter o seu ser - conatus coletivo. Precisa ser sábio para não ser escravo. Nesse caso, potências individuais integrariam potências coletivas em prol do bem comum e de cada um, compondo uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é pressuposto para o livre desenvolvimento de todos.

O que se tem na modernidade contemporânea é o falso coletivo, uma identidade coletiva narcisista ou "narcisismo coletivo"³⁶, com tendência mórbida à introspeção e à afirmação ingênua e exibicionista de traços identitários nacionais, regionais, raciais ou de gênero e idade, mesmerizando os sujeitos em forma de consciências e identidades. O outro é excluído e o nós, massificado. Nas relações, predomina o conflito ou a dominação. Poderes individuais são transferidos ao conjunto, integrando poderes coletivos e anulando potência de vida, coletiva ou individual.

É importante ressaltar que Espinosa considera que o Estado tem papel fundamental nesses processos. Na obra Tratado Teológico e Político, ele reflete sobre o tipo de organização sócio-política mais favorável ao incremento da potência individual, ou usando uma expressão de Ferreira³⁷, sobre "o status civilis "que leva à plenitude as virtualidades da potência própria, contribuindo para a sua realização":

"Se a potência de dois indivíduos é reforçada pela união dos seus conatus, há que procurar um modus-vivendi que possibilite esse reforço".³⁸

O conceito que ele usa para explicar o comportamento coletivo em prol do bem comum é o de consentimento e não de pacto ou contrato, para acentuar que o conatus é conflitivo, mas a potência é unificadora.

O consentimento é figura agregadora do conatus individual, que provoca ação como fruto da vontade de todos, em lugar de pacto, que só agrega por meio do Estado. Aqui, é importante lembrar mais uma vez

SAWAIA, B. B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

que, na ontologia espinosana, a maior motivação não vem do Estado, está inscrita na própria essência do ser, no seu conatus, que é a assunção plena da condição humana. O Estado democrático permite aos indivíduos conservarem a sua potência sem a alienarem, pois é um regime que oferece melhores condições para o reforço do conatus e, portanto para a passagem do foco individualizante e separado à comunhão. Nele não se transfere a ninguém os próprios direitos, mas todos eles renunciam ao seu direito e clamam a uma só voz por direitos comuns a todos, ficando todos completamente iguais, apesar das diferenças. Afinal, se todo homem se realiza com os outros e não sozinho, os benefícios de uma coletividade organizada são relevantes para todos.

ESPINOSA E A PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

O que diria Espinosa, nesse momento histórico em que o neoliberalismo, apoiando-se na defesa da democracia, enfatiza o individualismo e a transferência do próprio desejo ao outro?

O fracasso da democracia em cumprir seus princípios, tão bem retratados por Espinosa, não significa o fracasso da teoria espinosana. Ao contrário, ela mantém acesa a necessidade da busca de espaços e relações capazes de promover a passagem da forma individualista à comunitária dentro de democracias, e oferece insights poderosos para tanto.

Espinosa é o filósofo da liberdade, conforme ressalta Chauí³⁹. Seu pensamento abre a possibilidade à ciência de se exercer como máquina de libertação⁴⁰ do homem e também das ciências humanas, na medida em que supera as teorias únicas, reunindo idéias que se excluem reciprocamente na história do conhecimento: a de necessidade (das leis da natureza), a da liberdade (da essencialidade) e da força coletiva das massas (da historicidade)⁴¹.

O impulso emancipatório deixa de estar em horizonte de dispositivo hipostasiado, enraizando-se no presente, na potencialidade do ser (dimensão interior do ser é horizonte de libertação), mas sem a concepção cínica de ser indiferente a qualquer conteúdo ideológico.

Eis porque a filosofia espinosana é fonte de referência importante à fase atual da psicologia social crítica, que junto com a demais ciências humanas se encontra revendo seus paradigmas.⁴² Ela orienta, sem oferecer um novo modelo de futuro e de luta, uma utopia hipostasiada como moralidade, espacialidade ou essencialidade.

Também combate o relativismo ao afirmar a primazia do ser, o que significa julgar que há um sentido para a realidade em geral que trans-

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

cede as ações imediatas do empreendimento humano, mas esse sentido não se realiza a não ser através das afecções do corpo e da alma, portanto, através de encontros, bons ou maus.

A tese espinosana sobre o papel político da alegria é uma lição sobre a relação entre filosofia e ciência, necessária, agora, que as ciências fazem o caminho contrário ao da época de seu nascimento, voltando-se à filosofia, preocupadas com a fetichização de seus conceitos⁴³. Nesta caminhada, muitas vezes, tem caído no erro de adotar princípios e idéias reguladoras também de forma fetichizada, tal e qual "o personagem de Voltaire - "Cândido". Por mais desgraças que presenciasse e sofresse, Cândido conformava-se, apoiado na filosofia de seu preceptor "Pangloss", para quem tudo vai da melhor forma porque este é o melhor dos mundos possíveis.

A força de sua argumentação não está em seu caráter lógico, mas na experiência filosófica que a leitura e o entendimento de suas teses provocam em nós, de que a compreensão da estrutura ontológica do ser não é empreendimento metafísico, mas prático.

A ética não é do âmbito da realidade do mundo, em que se têm os fatos, nem do âmbito da linguagem, em que se têm idéias que descrevem os fatos, nem do sujeito transcendente, como quer Wittgenstein⁴⁴; ela está nas afecções do sujeito das idéias que as acompanham, adequadas ou não. Ela está no homem e na relação, no poder de afetar outros e de ser afetado, no esforço de se conservar, que é o único fundamento da virtude. A ética espinosana é um itinerário intelectual e, simultaneamente, vivencial, pois tem profundas implicações no modo de estar de cada um. As idéias não são pinturas mudas, nelas estão implícitas um juízo de valor e este leva à ação. Conhecer é saber como agir e o agir adequado é a máxima felicidade, afirma Espinosa na *Ética*⁴⁵.

Nessa perspectiva, emancipação é um sistema ontológico de necessidade e a liberdade e a felicidade se constróem como manifestação do ser, e a ética e a virtude deixam de ser abstratas e, como ontologia constitutiva, fazem-se política e desejo.

Ao afirmar que O processo ético-ontológico-epistemológico é comandado pelo desejo de ser feliz, o que corresponde à valorização de tudo o que contenta o homem, Espinosa propõe uma teoria dos afetos como um acesso privilegiado à compreensão de problemas filosóficos e políticos, sem abrir-se à incomensurabilidade do desejo.

Além de uma teoria dos afetos, no livro V da *Ética*, ele apresenta o que pode ser interpretado como sua proposta de práxis emancipadora uma terapêutica relativa às paixões, voltada à reeducação pessoal; cuja

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

meta desemboca no amor. Tanto na teoria quanto na terapêutica, a alegria desempenha papel de critério seletivo: "devemos notar que, ao ordenar os nossos pensamentos e as nossa imagens devemos sempre atender ao que há de bom em cada coisa, para que sejamos sempre determinados a agir por um afeto de alegria"⁴⁶. Essa idéia é apresentada de forma mais direta nas reflexões de Espinosa sobre a salvação dos tiranos⁴⁷. Ele fala em 2 tipos de salvação, apresentando-as em duas obras diferentes: salvação pela religião, no Tratado Político, por meio de mediadores inerente ao homem⁴⁸ e a salvação sem mediadores, na Ética em que tudo se deve à iniciativa do sujeito, sem a necessidade de qualquer entidade transracional⁴⁹. A salvação tem etapas. Em etapas anteriores, pode-se falar em mediadores, como o Estado e a religião⁵⁰. No final, o sujeito recorre apenas a si, às suas forças intelectuais. Deus pode ser referencial permanente, mas é no homem que se situam as potencialidades salvíficas. Trata-se de uma salvação sem teleologia, em que cada indivíduo atinge a plenitude por si mesmo, sem uma finalidade expressa que não seja a inscrita na sua própria essência, no seu conatus. Essa é a etapa final da salvação, onde a salvação coletiva de uma comunidade, a felicidade ou harmonia que lhe pode trazer uma organização justa e tolerante, é absolutamente secundarizada; a inflexão do Estado e da religião desvia para o indivíduo, não por negação dele, mas por ser etapa posterior à salvação pela obediência, em que a liberdade do pensamento é apresentada como ajuda imprescindível, dado que é sem mediação, sendo o homem o único agente que a desencadeia⁵¹.

Essa meta só é atingida pelo sábio. Para os menos dotados intelectualmente, a salvação faz-se na comunidade dos homens, e a política e a religião desempenham papel auxiliar determinante⁵². O sábio as supera, mas não prescinde da política, porque ele não é um eremita que renega o mundo e porque a liberdade interior não abdica da reivindicação de certas liberdades extrínsecas, como a liberdade de pensar e de se exprimir. o sábio salva-se pela assunção plena de sua condição humana.

No Tratado Teológico e Político⁵³, não há salvação fora da comunidade, uma espécie de pedagogia das multidões, que se confunde com o desejo de viver uma vida equilibrada e pacífica. O homem não alcança a verdade, mas uma conduta moral serena, suficiente para se salvar. Trata-se de uma salvação política, coletiva, ligada à organização comunitária, identificada com o combate a toda opressão e exclusão e com a consciência de que o homem precisa modificar as estruturas sociais para atingir a salvação⁵⁴.

Na Ética, a salvação é destinada a poucos, e é uma salvação puramente interior e personalizada, leva o homem ao reencontro de si. Essa

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

salvação implica necessariamente relação amorosa para com Deus, nas dimensão afetiva ou na dimensão intelectual⁵⁵. Espinosa fala do Amor intelectual a Deus, que é o amor do sábio que compreende e não apenas aceita uma natureza contra a qual não pode se revoltar, destacando, assim, a salvação pelo conhecimento - amor intelectual- em contraposição à salvação pela obediência, que é a do ignorante.

Ao colocar a salvação na "razão livre, na alegria de pensar sem submissão a qualquer poder constituído e na decisão de afastar tudo quanto nos causa medo e tristeza, Espinosa relaciona autonomia e alegria de viver, intelectual e afetivo, físico e psíquico" (Chauí⁵⁶), lançando um desafio à teoria e à práxis da psicologia social: compreender positivamente as paixões.

Ao articular, internamente, alma e corpo, força pensante e força imaginante, virtude e aptidão para pensar e agir, e ao tornar inseparáveis o pensamento e o sentimento, a liberdade e necessidade, vida e razão⁵⁷, sujeito coletivo e individual, Espinosa oferece uma via ampla, embora árdua e difícil, para a transformação da afetividade em categoria emancipadora de sentido e de ação político-ética.

Sua terapêutica das emoções também é fonte de orientação nessa direção. Ela define metas claras à práxis emancipadora: libertar os sujeitos do peso da superstição e do preconceito, fazendo-os compreender e aceitar as causas de suas paixões, e convidando-os ao exercício de sua própria capacidade para pensar e agir.

Enfim, Espinosa delinea o caminho da "cura da servidão": desbloqueio de forças anteriormente reprimidas e inutilizadas das paixões e desejos, incrementando a interioridade, visando ao crescimento da alegria e da potência de existir dos indivíduos⁵⁸.

Cabe-nos, à luz desse modelo ideal, pesquisar as paixões para buscar as possibilidades reais dos homens, (sábios ou comuns), que atuam nesse mundo dilacerado, discutir política no campo das paixões, lembrando que as concepções de afetividade na psicologia social derivam de diferentes ontologias, e, por conseguinte, não são em si emancipadoras de sentido e de ação.

Pesquisar as configurações empíricas das paixões, sob orientação da filosofia espinosana, é perguntar pelos processos que determinam os sujeitos como coletivo, e, quando coletivo, aproximam-nos ou afastamnos do nós-universal na direção cidadã, reproduzindo, no plano coletivo e individual, o narcisismo. Por que uns são afetados por idéias adequadas e outros não? Quais as paixões que caracterizam o excluído e o escravo? Como trabalhar o amor intelectual (amor pelo conhecimento)

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

como estratégia de libertação e potencialização do sujeitos, se este só se processa em níveis cognitivos inacessíveis ao vulgo⁵⁹? Será que as paixões que constituem o sujeito são capazes de inovar a ação política depois da catástrofe da modernidade capitalista? Onde está a força coletiva, que pode se transformar no sujeito-herói da inovação política da vida?

Para investigar essas questões, aprendemos com Espinosa, que: 1) emoção não é categoria homogênea, cristalizada em sentidos únicos. Ela é da ordem das afecções do corpo e da alma, nos bons e maus encontros, e é aí que adquire qualidades libertadoras ou escravizadoras. Pesquisas que vimos realizando no núcleo de estudos da dialética exclusão/ inclusão (NEXIN) demonstram uma incomensurável variedade de sentidos das emoções. Não há a Vergonha, mas a vergonha feminina e a masculina, a da vida privada e a da vida pública, cerceadoras ou potencializadoras. Não há o Medo, mas o medo bom e o ruim. Duas pesquisas, uma sobre saúde e outra sobre educação⁶⁰ demonstraram que o medo ruim gera padecimento e ações atabalhoadas ou paralisa em relação à alfabetização e ao cuidado da própria saúde. É o medo do olhar da professora que inferioriza e do médico, aliado à ignorância diante a doença; em ambas as situações o medo escraviza uma pessoa à outra. Portanto, é preciso distinguir as diferentes qualidades das emoções e sentimentos em termos de poder e potência; 2) as emoções vividas empiricamente são perpassadas pela temporalidade e espacialidade, isto é, têm tempo e espaços definidos, como a alegria momentânea pela realização do desejo circunscrito que pode ser pessoal ou coletiva, individualista ou coletivo-comunitária. A alegria momentânea, corpórea, explosiva, imediata, é da ordem muitas vezes do poder, experimentada tanto pelo escravo quanto pelo tirano. Esta é diferente da alegria, proveniente do agir adequado, que é da ordem da potência experimentada pelo sábio. A primeira é vivida, atualmente, dentre outras situações, nos ritos religiosos, nos shows, nos shopping centers (compulsão consumista), e muitas vezes também nos movimentos sociais. A compreensão da passagem de uma para outra pode orientar os movimentos sociais na análise do fracasso da manutenção da organização popular, após a euforia coletiva que antecede e precede, imediatamente, a conquista das carências reivindicadas.

Também pode explicar por que, no plano individual e cotidiano, não conseguimos nos libertar da tristeza, do ódio e da superstição; bem como da "alegria hiena", que nos leva a rir da miséria e na miséria, e porque, no plano do conhecimento, não conseguimos nos libertar das ditaduras da racionalidade para fazer com que ontologia, epistemologia, ética e

SAWAIA, B.B. "A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito" *Psicologia & Sociedade*; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

política se dobrem ao desejo de felicidade e à ambição e energia da alegria do sujeito de dar mais vida à vida, tomando-se práxis.

Bader Burihan Sawaia é professora no curso de pós-graduação em Psicologia Social na PUC-SP; presidente da Comissão de Pesquisa do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP

ABSTRACT: The article argues for the need for Social Psychology to undertake, at this historic moment, an epistemological self-critique in order to reflect over the ethical dimension of its body of knowledge, proposing the individual as the axis of this reflection. Which individual is present in the theories of social Psychology and which ethics projects a reindicated? Social psychology confronts on the one hand with the conscious individual (of linguistic competence and inter and intra subjective action) and on the other, with the Unconscious individual (with internal or external determinations) or, yet, with the individual-empty space, in which linguistic fluxes cross. This debate is crossed by one of the central questions of social psychology - the relation between collective subject and individual subject. We do not pretend to analyze each one of these concepts, but to propose as a regulating idea of analysis, the critical constitutive thoughts of Espinosa, who recuperates Unity in multiplicity and the passage from the physicality to ethnicity of the being, as potency and ethic of constitution.

KEY WORDS: ethics, subject, ontology and critical epistemology, praxis.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ Chauí, M. (1995). Espinosa - Uma Filosofia da Liberdade, São Paulo:Edit. Moderna, p. 82

² Ver sobre essa discussão in Sawaia, B. (1995) Psicologia Social: Aspectos Epistemológicos e Éticos, in Lane, S.T.M. e Sawaia, B.B. Novas Veredas da Psicologia Social, S.P: EDUC e Brasiliense.

³ Botton de, A. Para que serve a arte? Jornal A Folha de São Paulo, Caderno Mais. 23/8/98, p.5.3.(Botton, 1997)

⁴ Ibáñez, T.(1993). La Dimensión Política de la Psicología Social. Revista Latinoamericana de Psicología. Vol 25(1):19-34.

ver sobre essa discussão in Sawaia, B. (1995) Psicologia Social: Aspectos Epistemológicos e Éticos, op.cit.

⁵ O filme "A Vida é Bela"do italiano Benigni Oscar de melhor filme estrangeiro de 99, é produto desse espírito, segundo alguns psicanalistas brasileiros, como Maria Rita Keh e Contardo, Calligaris.

⁶ Helleith Saffioti nos alerta para o perigo do uso do conceito de fantasia da psicanálise, no diagnóstico e terapia de crianças com queixas de estupro por parte de seus pais. Este conceito tem ajudado a encobrir a realidade, protegendo os pais e encaminhando a criança à "tra-

tamentos" prejudiciais, em lugar de cuidados. Ver Garcia, S.(1999). Worktown – a loucura do trabalho. Tese de Doutorado, Programa de Psicologia Social da PUCSP.

⁷ Sartre, critica a psicologia exata e objetivista como solipsista, que trata o outro como um objeto, negando-lhe o caráter de sujeito. In: Sartre, J.P.(1983). *El ser y el nada*. 7^a ed., Buenos Aires: Loca, p. 229 Ver também, Sawaia, B.B.op cit.

⁸ Tourraine, A.(1995).Crítica da Modernidade. 3^a ed..Petrópolis: Vozes.

⁹ Melucci, afirmação proferida em palestra na PUCSp, 1996.

¹⁰ Adorno, no livro *Dialética Negativa*, ao refletir sobre o que aconteceu com o proletariado que deveria fazer a revolução, afirma que a classe não desapareceu, as pessoas continuam trabalhando, sendo explorados, mas elas não desempenha mais o papel de sujeito da história. Não formam mais um sujeito coletivo, capaz de dissolver o sistema,ver Nobre, Marcos, (1998). - *A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno* S.P: Iluminuras

¹¹ Tourraine, op. cit.

¹² Tourraine, op. cit.

¹³ Sobre este assunto, recomendo a leitura dos seguintes textos: Munné, F (1998) *La Debilidad de la Critica en la Psicología Construccional* in *Revista Psicologia Social da ABRAPSO-São Paulo, S.P., EDUC. N° 5*. Montero, M. (coord.)(1994). *Construcción y Critica de la Psicología Social*. Barcelona:Anthropos.

¹⁴ Hobbes é considerado o representante do egoísmo filófico idéia rebatida por Hume, que propõe a simpatia como ontologia e base da sociedade. Simpatia é a capacidade do homem sentir, em si mesmo, a dor e a alegria do outro.

¹⁵ Ferreira, M.L.R..(1997). *A Dinâmica da Razão na Filosofia de Espinoza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (FCC e JNICT), p.439.

¹⁶ Negri afirma que Espinosa é, ao mesmo tempo, inspirador do pós-modernismo e antídoto dele. Combate os finelismos e todo movimento teológico, mas os compensa pela emergência da criatividade e do desejo.

¹⁷ Espinosa, B.(1957). *Ética*, 3^o Ed., São Paulo: Atena Editora, livro III. Prop. VI, G.II, p.141. ^{2o} Ferreira (1997:440), a noção espinozana de conatus tem antecedente em Cícero que defendera que logo que um ser vivo nasce sente afeição por si e inclinação para sedemantar, e para amar as coisas a que tendem a preservar o seu estado.

¹⁸ Imaginação é potência fundamental e central da ontologia constitutiva do ser, em Espinoza.

¹⁹ Tudo aquilo que imaginamos que conduz à Alegria, esforçamo-nos por promover que ocorra; tudo aquilo que imaginamos que lhe repugna ou que leva à Tristes, esforçamo-nos para o afastar e destruir. Espinoza, *Ética III*, prop. XXVIII, p. 159

²⁰ Deleuze, G, (1970) *Espinoza e os Signos*. Lisboa: Rés

²¹ Botton, A. (Mais, 5/10/97).

²² Negri, A. (1993). *A Anomalia Selvagem: poder e potência em Espinoza*. Rio de Janeiro:Ed.34,

²³ Ferreira, op.cit.

²⁴ Negri, A.(1993) *A Anomalia Selvagem; poder e potência em Espinoza*. Rio de Janeiro: Ed.34, p. 287.

²⁵ Esta é uma das teses ressaltadas por Ferreira, p. 450.

²⁶ Espinosa, B. (1977). *Tratado Político*, Lisboa: Estampa, II, &5, G.III, p.277

²⁷ Reflexões de Negri sobre o conceito espinosano de potência, op. cit.

²⁸ Chaui, M.(1999). *As Nervuras da real* São Paulo: Cia da Letras.

²⁹ *Ética*, prop. XLII, schol.

³⁰ (expressão usada por Meszaros para criticar a concepção de indivíduo em Sartre, Meszaros, I. (1991). *A Obra de Sartre - Busca da Liberdade*. São Paulo:Editora Ensaio, p.166.

³¹ Ferreira, p.507 defende essa compreensão contrária a de Negri que afirma ser a multidão na

obra de Espinosa uma expressão coletiva, constituída pelo somatório dos contus individuais

³² Le Bon foi pioneiro neste estudo

³³ Sawaia, B.B (1998). Afectividad y Tempralidad en el cuerpo teórico-metodológico de la psicología Social- una reflexión sobre el proceso de salud y enfermedad. Revista AVEPSO, vol. XXI, Nro.1, 53-64.

³⁴ Sartre, J. P. (1983). El Ser y El Nada, 7ª ed, Buenos Aires: Locada.

³⁵ conceito discutido por Weber no seu ensaio sobre objetividade, para indicar a existência de certas regularidades na ação social

³⁶ Cioran, E faz excelente análise sobre o narcisismo trágico coletivo, como uma tendência mórbida à introspecção nas 'suas obras Silogismos da Amargura e La Tentation d'Exister, Paris, Gallimard, 1956. Ver também Sawaia, B.B.(1996) A Temporalidade do "agora cotidiano" Na Análise Da Identidade Territorial, in Revista Margem de Ciências Sociais, São Paulo: EDUC, nº 5, 81-97. e Sawaia, B.B. (1995) O Calor do Lugar- segregação urbana e identidade, São Paulo em Perspectiva, São Paulo: Fundação SEADE

³⁷ Ferreira, op.cit.

³⁸ T.P. II, & 13

³⁹ Chauí, "Que é a filosofia espinosana se não o mais belo convite a perder o medo de viver em ato?(p.82)

⁴⁰ Negri, 275

⁴¹ reflexão baseada em Chauí, M. (1995) Espinosa- uma filosofia da liberdade, São Paulo: Edt. Moderna p.12

⁴² Sawaia, B.B. (1995) Dimensão ético-afetiva do Adoecer da Classe Trabalhadora. In: Lane, S.T.M e Sawaia, B.B. Novas Veredas da Psicologia Social. São Paulo:Brasiliense.

⁴³ Ver meu texto Sawaia, B.B. Representação e Ideologia - o encontro desfeticizador, in Spink, M.J.(org.)(1998) O Conhecimento no Cotidiano- as representações sociais na perspectiva da psicologias social, 2º Ed., São Paulo:Brasiliense. Neste texto inspiro-me no alerta fornecido por Heller, A.(1991) A Sociologia como desfeticização da modernidade.Novos Estudos, São Paulo:CEBRAP, nº 30, jul.

⁴⁴ "A ética é dimensão do sujeito e não dos fatos, ou da linguagem", fala Margutti, ao explicar a famosa frase de Wittgenstein no Tractatus "de que a éticas não se deixa exprimir e de que ética e estética são uma só Segundo ele, para W no âmbito da realidade e do mundo só temos fatos(exo'istentes e possíveis); e no âmbito da linguagem, só temos proposições que descrevem fatos. Essa concepção exclui a ética tanto da realidade do mundo como da linguagem. Por isso, W. afirma que a ética é transcendental, não pertence ao mundo, mas ao sujeito transcendente. da linguagem. Ver Paulo Roberto Margutti Pinto(1998). Iniciação ao Silêncio, Loyola, S.P.

⁴⁵ Ética, prop XLII, scol.

⁴⁶ Ética V, prop X, Esc., p309.

⁴⁷ análise inspirada em Ferreira 288

⁴⁸ Tratado Político, op.cit.

⁴⁹ ver em Ferreira o aprofundamento dessas reflexões sobre a obra de Espinoza, cap. 1.7, p.200.

⁵⁰ Ferreira, p. 206

⁵¹ Ferreira, p. 197

⁵² Ferreira, p. 205

⁵³ Espinosa, B. (1988). Tratado Teológico - Político, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

⁵⁴ Ferreira, p. 197

⁵⁵ Ferreira, p. 104 comentando o livro V de Espinosa

⁵⁶ Chauí, p.12

⁵⁷ Afirmação inspirada na análise de Chauí, p. 82

⁵⁸ Bodei R.(1995). Geometria de las pasiones - miedo, esperanza, felicidad: filosofia y uso político. México:Fondo de Cultura, p 28.

⁵⁹ Ferreira, p. 50

⁶⁰ Cintra, F.(1998) Idoso com glaucoma - uma análise dos significados. Tese de Doutorado em Enfermagem, E.E.USP.

⁶¹ Camargo, D. (1997) As Emoções no rendimento escolar. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUCSP